

CORPOS PREVENIDOS: A PASTORAL CRISTÃ CATÓLICA NA SOCIEDADE DISCIPLINAR

PREVENTED BODIES: CATHOLIC CHRISTIAN PASTORAL IN DISCIPLINARY SOCIETY

Cícero Edinaldo dos Santos

ciceroedinaldo@live.com

Zuleide Fernandes de Queiroz

zuleidefqueiroz@gmail.com

Resumo: Este artigo tem a pretensão de apresentar as tessituras da Pastoral Cristã Católica na Sociedade Disciplinar, utilizando como exemplo a proveniência do Sistema Preventivo de Dom Bosco emergente no século XIX. A partir da perspectiva genealógica e da leitura monumental, assinala que o poder pastoral e o poder disciplinar, estiveram em confronto /articulação na proveniência do Sistema Preventivo de Dom Bosco, possibilitando a difusão e circulação de performances para os indivíduos envolvidos.

Abstract: This article intends to present the tessituras of Catholic Christian Pastoral Care in the Disciplinary Society, Using as an example the origin of the Preventive System of Don Bosco that emerged in the XIX century. From the genealogical perspective and the monumental reading, it indicates that the pastoral power and the disciplinary power, Were in confrontation / articulation in the provenance of the Preventive System of Don Bosco, allowing the diffusion and circulation of performances for the individuals involved.

Palavras-Chaves: Corpo. Pastoral Cristã. Igreja Católica

Keywords: Body. Christian pastoral. Catholic church

Apresentação

A Pastoral Cristã se estabeleceu como a arte pela qual se ensina as pessoas a governar os outros, ou se ensina os outros a se deixar governar por alguém¹. As performances do pastor, do rebanho e da ovelha foram utilizadas como analogias para o governo das almas. A difusão e circulação destas performances remonta o século IV da era cristã e se estende até o século XVIII, sofrendo mudanças significativas no século XVI, diante da Reforma Protestante e da Contra-Reforma.

Este é um processo único na civilização ocidental, pelo qual uma religião, uma comunidade religiosa, constituiu-se como Igreja, ou seja, como uma instituição que pretende o governo dos homens na sua vida cotidiana sob pretexto de *conduzi-los* à vida eterna no outro mundo, e isso em escala não apenas de um grupo definido, não somente de uma cidade ou de um Estado, mas da humanidade inteira².

A performance do pastor não defendia a incorporação de uma lei globalizante e massiva. Seu modo de agir era individualizado. Embora fosse exigido do pastor dirigir suas ações a todo o rebanho, ele não podia permitir que nenhuma ovelha se perdesse no caminho proposto de salvação.

A salvação consistia na capacidade de cada ovelha receber e ter garantias de subsistência e proteção contra qualquer perigo ou maldade externa. Todavia, não se apresentava como uma livre escolha, mas como obrigatoriedade. Era necessário que a ovelha também agisse, confessando ao pastor seus pensamentos mais íntimos.

O poder pastoral, emergente das performances citadas, consistia na autoridade do pastor sobre cada ovelha, fazendo-a reiterar tudo o que fosse preciso para sua salvação. Não se conferia a ovelha à possibilidade de domínio sobre si, pois salientava a dependência da mesma ao pastor³.

No que concerne à atitude da ovelha para com o pastor, ela se caracteriza pela obediência integral. Não se trata de obedecer a princípios razoáveis de conduta e sim desenvolver a atitude da obediência. Tratando-se de relação entre indivíduos, pouco importa o teor das ordens que alguém venha a aceitar, mas que ele obedeça a cada instante de sua vida cotidiana. A obediência é perfeita quando o conteúdo a ser obedecido é absurdo, porque, nesse caso, o indivíduo renuncia completamente à sua vontade, colocando-se inteiramente à disposição de Deus⁴.

¹ FOUCAULT, Michel. Sécurité, territoire, population. In: **Cours au Collège de France** (1977- 1978). Paris: Gallimard; Seuil, 2004.

² Ibidem, p. 151.

³ FOUCAULT, Michel. Sexualidade e Poder. In: **Ditos e Escritos Vol. V** – Ética, Sexualidade, Política. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

⁴ FOUCAULT, Michel. Sécurité, territoire, population. In: **Cours au Collège de France** (1977- 1978). Paris: Gallimard; Seuil, 2004, p. 99.

A obediência não se restringia apenas a cada ovelha ou a coletividade, isto é, o rebanho. Também era reiterada pelo próprio pastor. Este não era identificado como aquele que devia punir os desviantes, mas aquele que devia curar as doenças da alma⁵. Alguém só podia ser qualificado para exercer esta função se não recusasse a ordem proposta, “uma vez que a recusa representaria a prioridade da vontade própria”⁶. Para se tornar pastor o indivíduo tinha que renunciar à recusa. Aceitar a função imposta e fazer o máximo possível para obter êxito em suas ações.

O pastor não tinha a pretensão de ensinar o que se devia fazer ou saber todos os dias, de forma homogeneia. Atentava-se para o cotidiano e sua modelação, vigiando intermitentemente as condutas e comportamentos de cada ovelha, a fim de formar um saber sobre as mesmas. Saber este que era utilizado como técnica para novas modelações de condutas e comportamentos. Observava-se para saber e sabia-se de algo por intermédio da vigilância contínua.

Em suma, a Pastoral Cristã foi formada por um conjunto de ações articulada a perspectiva de dominância, dependência e cuidado em relação aos outros. Nos séculos XVII, XVIII e XIX, e, de forma mais constante, na primeira metade século XX, a Pastoral Cristã contrapôs e articulou-se com uma nova forma de administrar os corpos, com a intenção de que estes se tornassem dóceis e produtivos, adentrando uma nova conjuntura histórica, múltipla e polivalente, que pode ser denominada de Sociedade Disciplinar.

Nesta conjuntura histórica, instituições sociais instalaram-se, concomitantemente a expansão de novos saberes, oriundos das Ciências Humanas. O poder soberano, monárquico, hegemônico entrou em declínio em várias partes do mundo, dando lugar ao poder disciplinar, visto como um instrumento fundamental para a constituição do capitalismo industrial e da sociedade no qual ele atuava⁷.

A fusão entre o poder e a disciplina – que já existia por si só desde tempos remotos – visou à captura e adestramento dos corpos. Deu-se mediante estratégias minuciosas. Apresentou formas diversificadas, polimorfos, embora com algumas semelhanças e intercruzamentos. A pedagogia escolar, a organização militar, o espaço hospitalar e o aparecimento das prisões possuem em comum, por exemplo, a intrínseca relação entre os saberes de tais instituições sociais e seus vínculos com o poder disciplinar para a reiteração de modos de existências específicos.

⁵ CANDIOTTO, Cesar. Governo e direção de Consciência em Foucault. **Natureza Humana**. 10(2) 89-114, jul-dez. 2008.

⁶ Ibidem.

⁷ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: O nascimento da Prisão. 29ª ed. Petrópolis, Vozes, 2004.

O poder disciplinar pode ser caracterizado como um poder “modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente”⁸. Busca fabricar indivíduos, tomando-os como objetos e instrumentos de ação. Almeja controlar as experiências e vivências, nas suas mais distintas formas.

Por um lado, o poder disciplinar é indiscreto, pois está em toda parte e todos sabem quem está na suposta posição de controlador e controlado. Por outro, tem a descrição em si, uma vez que age em silêncio. Não é preciso que uma norma seja repetida infinitas vezes para ser inculcada na mente de um indivíduo, por exemplo. Ao saber da existência da norma, ele por si próprio já começa a rever seus posicionamentos e, em alguns casos, controlar-se.

Podemos perceber a descrição e a indiscrição do poder disciplinar nos espaços educativos. No alvorecer da modernidade, tais espaços usavam e ao mesmo tempo eram transpassados pelo poder disciplinar. Visavam transformar os corpos naquilo que se pretendia, podendo ser entendidos como locais de sequestro⁹. Eles concentram, distribuíam e faziam propagar saberes sobre condutas e comportamentos apropriados, muitos deles não condizentes com os preceitos religiosos, além de imprimirem identidades e funções específicas para seus participantes.

Horários, separação e classificação dos educandos, vigilância da sexualidade, regras pedagógicas, além de uma infinidade de outros aspectos foram modificados e ganharam maior destaque no cotidiano com a atuação do poder disciplinar. O interesse não era apenas a alma dos envolvidos ou a salvação dela, mas o corpo dos mesmos, bem como a atuação no trabalho, no lar e no convívio social. Nos espaços educativos, buscava-se controlar o corpo físico com o intuito de fixar moralidade nos mesmos. As punições não eram necessariamente obrigatórias, mas poderiam ser acionadas caso fossem necessário.

Um elemento interessante que está presente tanto no poder pastoral quanto no poder disciplinar é a subversão, não do poder em si, mas do que ele se propõe a fazer. No poder pastoral, havia o ideal de uma obediência total, mas também havia indícios de “ovelhas negras na família”, ovelhas que ousavam trilhar caminhos outros. No poder disciplinar o confronto entre obediência e subversão também era visível, pois nenhum indivíduo tinha apenas o papel passivo diante dos acontecimentos.

Há ações e reações por ele assumidas, denotando-o como partícipe na edificação de sua subjetividade. De fato, é sob esta perspectiva que a sociedade se organiza e a

⁸ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: O nascimento da Prisão. 29ª ed. Petrópolis, Vozes, 2004, p. 153.

⁹ Ibidem.

história se efetiva: os indivíduos sabem o que devem fazer e pensar, sem que mecanismos de poder sejam acionados de forma vigorosa ou lancinante¹⁰.

Diante disso, este artigo tem a pretensão de apresentar tessituras da Pastoral Cristã Católica na Sociedade Disciplinar. Para isso, visa sintetizar a proveniência do Sistema Preventivo de Dom Bosco – base pedagógica da Congregação Salesiana – a fim de demonstrar que o ideal de prevenção dos corpos foi difundido e circulado internacionalmente a partir de determinados saberes e de estratégias minuciosas do poder pastoral em confronto/articulação com o poder disciplinar. Essa relação de confronto/articulação fez emergir novas performances para o pastor, o rebanho e as ovelhas.

De cunho qualitativo, este artigo desenvolve-se a partir da perspectiva genealógica, no sentido de *Herkunft*, isto é, proveniência¹¹. Pergunta-se a respeito do “entre”, isto é, o que está “entre” os acontecimentos. “Trata-se de não partir de pontos de apoio para explicitar os acontecimentos, mas partir, sim dos acontecimentos para explicar como se inventaram esses pontos de apoio”¹².

A utilização da perspectiva genealógica está articulada a leitura monumental das fontes históricas consultadas. Esta leitura não propõe organizar previamente os discursos que se vai analisar ou tentar encontrar uma lógica interna ou uma verdade trans-histórica nas entrelinhas de tais discursos, pois “os silêncios são apenas silêncios, para os quais não interessa procurar preenchimentos; eles devem ser lidos pelo que são e não como não-ditos que esconderiam um sentido que não chegou à tona do discurso”¹³.

As fontes históricas são lidas como monumentos e não documentos, tomando os discursos na dimensão de exterioridade. Todavia, não rejeita as especificidades da gramática, nomenclatura e objetivos das mesmas. Para o êxito da leitura monumental:

De um lado, tem-se de evitar a redução da leitura aos seus elementos puramente lógicos e formais, como procedem ou algumas correntes sensualistas, ou algumas análises de conteúdo. De outro, tem-se de cuidar para não embarcar na ingenuidade de pensar que tudo já está ali no texto, independente daquele que lê, visível e apreensível diretamente por aquele que lê. Além disso, a leitura monumental – como quaisquer outra – não é única, definitiva, mais correta; ela não vai atrás de uma suposta “verdade maior” de que (o texto) seria indício e sobre a qual ele nos daria uma pista¹⁴.

¹⁰ FISCHER, Beatriz Daudt. O poder que assujeita é o mesmo que se faz desejar. In: **Educação Unisinos**. São Leopoldo: Universidade do Rio dos Sinos. v. 6. n.10. jan-jun. 2002. P. 75-96.

¹¹ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia, a história. In: **Ditos e escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

¹² VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 58.

¹³ *Ibidem*, p. 98.

¹⁴ *Ibidem*, p. 105.

As fontes históricas consultadas foram escritas no século XIX. Abrangem cartas, Plano de Regulamento, Constituição da Congregação Salesiana e textos avulsos, sobre distintos temas. Assinalam o emaranhado de discursos que legitimaram a proveniência do Sistema Preventivo de Dom Bosco e demonstram algumas tessituras da Pastoral Cristã Católica na Sociedade Disciplinar.

(Des) enlaces entre o poder pastoral e o poder disciplinar: A Proveniência do Sistema Preventivo de Dom Bosco

Após a experiência da Revolução Francesa e da subversão do Antigo Regime, causada por Napoleão Bonaparte, a Europa direcionou suas atenções para o ideal de prevenção. Este ideal cresceu entre os defensores saudosos do Antigo Regime e aqueles que valorizavam a modernidade, isto é, os moderados, sendo ponto comum em ambos os setores político-sociais¹⁵.

Havia receio de novas Revoluções, seitas e sociedades secretas que pudessem difundir o “liberalismo”, por meio da imprensa, associações, cultos secretos, etc. Todavia, também existia a iniciativa de confrontar o medo com ações sobre os corpos, entre elas, a censura, a rejeição ao ócio e a libertinagem, as “missões populares” para reconquistar fieis e moralizá-los segundo os preceitos da Igreja Católica¹⁶.

No século XVII e XVIII, a Espanha, França e Inglaterra passavam por um processo de expansão do pauperismo e da mendicância, da criminalidade e da busca por dar assistência às famílias e seus descendentes. Criaram-se hospitais, orfanatos, asilos de velhos, de viúvas, prontos socorros e escolas, para suprir as demandas e “prevenir” os corpos das intempéries sociais¹⁷.

No século XIX, diante da industrialização, a Itália também entrou no processo de expansão do pauperismo e da mendicância. Camponeses foram para a cidade em busca de melhores condições de trabalho e subsistência. No entanto, muitos não foram acolhidos e passaram a morar nas ruas, sem abrigo, proteção ou alimento¹⁸.

A preocupação com esta parcela da população também estava em pauta na Santa Sé. Em 15 de maio de 1800, na Encíclica *Diu Satis*, o Papa Pio VII já recomendava que os

¹⁵ BRAIDO, Pietro. **Prevenir, Não reprimir**: O Sistema Educativo de Dom Bosco. São Paulo: Ed. Salesiana, 2005.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ BROCARDO, Pietro. **Dom Bosco**: profundamente homem, profundamente santo. Traduzido por Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

bispos se atentassem aos dilemas que atravessavam a formação das crianças e adolescentes, pois estes como ceras mores poderiam ser plasmados para o bem ou para o mal. Pio IX, por sua vez, em Carta Apostólica ao Reino das duas Sicília, escrita em 20 de janeiro de 1858, exortava os bispos a ficarem atentos as “criminosas e múltiplas artes com as quais, em tanta tristeza destes tempos, os inimigos de Deus e da humanidade tentam perverter e corromper a indefesa juventude”. Argumentava que a prosperidade da sociedade cristã e civil dependia, em grande parte, da reta educação da juventude¹⁹.

Várias experiências educativas apareceram no século XIX, inspiradas na conjuntura histórica mencionada anteriormente e nas postulações da Igreja Católica. Uma dessas experiências foi o Sistema Preventivo, sistematizado e difundido por Giovanni Melchiorre Bosco.

Conhecido popularmente por Dom Bosco, Giovanni Melchiorre Bosco nasceu em 1815, no povoado de Morialdo, município de Castelnuovo d’Asti, diocese de Turim, Itália. Teve uma infância humilde, marcada pela morte do pai, Francesco Luigi (1784-1817), e a presença marcante da mãe, Margherita Occhiena (1788-1856). Faleceu em 1888 e foi canonizado em 1934²⁰.

Em 1858, Dom Bosco foi questionado pelo Papa Pio IX sobre o desejo de construir uma Congregação religiosa vinculada a Igreja Católica. Nesta ocasião ele relatou sua preocupação com o contexto italiano e relembrou um episódio “sobrenatural”: *o Sonho dos Nove Anos*. O Sumo Pontífice pediu que o depoente escrevesse literalmente e pormenorizado tudo o que tinha dito oralmente, para que servisse como estímulo aos membros da Congregação Salesiana, fundada um ano depois com a aprovação papal e inspirada na Espiritualidade de São Francisco de Sales.

Em seu escrito, Dom Bosco narra que estava num lugar, aparentemente, próximo à sua casa, onde uma multidão de meninos brincava, rindo, se divertindo e blasfemando, feito animais ferozes. Ao ouvir aquilo, ficou furioso e tentou, com socos e palavras, fazê-los calar. Nesse exato momento, apareceu um homem varonil, com o rosto encoberto, que ao chamá-lo pelo nome disse: “Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude”.

¹⁹ BRAIDO, Pietro. **Prevenir, Não reprimir**: O Sistema Educativo de Dom Bosco. São Paulo: Ed. Salesiana, 2005.

²⁰ BRAIDO, Pietro. **Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade**: primeiro volume. Traduzido por Geraldo Lopes e José Antenor Velho. São Paulo: Editora Salesiana, 2008.

Após estas falas, a gritaria e as blasfêmias cessaram. O silêncio triunfou. Todos ficaram ao seu redor. Sem entender o que estava acontecendo, Dom Bosco questionou quem era o ser misterioso que ordenava à realização de tal façanha. O homem varonil, respondeu-lhe dizendo: “Eu sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saldar três vezes. O meu nome... pergunta-o à minha mãe”.

Segundo o escrito, neste momento apareceu uma mulher de aspecto majestoso, vestida com um manto todo resplandecente. Ela fez sinal, chamando-o para perto. Ao segurar sua mão, pediu para que ele voltasse a olhar os meninos que também estavam ali, semelhantes a animais ferozes. Ao obedecê-la, percebeu então que todos estavam transformados, semelhantes a animais dóceis. “Eis o teu campo, eis onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte e robusto e agora o que vês acontecer com estes meninos, tu deves fazê-lo a meus filhos, disse a mulher misteriosa”.

Com lágrimas nos olhos, Dom Bosco pediu para que ela falasse de modo que ele pudesse compreender, pois não entedia aquelas falas distorcidas e sem nexos. A mulher estendeu a mão sobre a sua cabeça, falando mansamente: “Ao seu tempo, tudo compreenderás”.

Não temos a intenção de questionar a veracidade desse sonho. O que nos interessa são os discursos presentes no mesmo, a saber, uma missão pastoral legitimada por algo sobrenatural, o chamado clerical junto aos jovens desgarrados e a transformação dos supostos animais ferozes em cordeiros dóceis ou, de meninos incivilizados a detentores da moral e dos bons costumes, calmos e serenos. Interessa-nos também demonstrar que as performances de pastor, rebanho e ovelha não foram abandonadas com o aparecimento da Sociedade Disciplinar. Pelo contrário, apresentou-se como estratégia de embate e imersão, com interesses específicos.

O referido escrito tem o objetivo de alicerçar a missão dos seguidores de Dom Bosco, ao mesmo tempo em que revela as estratégias pedagógicas para educar e evangelizar a juventude, os enunciados também ressaltam como os membros da Congregação Salesiana deviam agir, isto é, com amabilidade e persistência.

Desde sua fundação, a missão da Congregação Salesiana não se restringiu apenas à evangelização dos fiéis católicos e a manutenção da tradição religiosa. Diferente de outras, ela também esteve direcionada para a educação dos jovens em instituições escolares e não-escolares. No século XIX, a maioria dos seus integrantes era do sexo masculino e os espaços educativos voltados exclusivamente para este sexo. Homens ensinavam crianças e jovens.

Nesse interim, os ideais de masculinidade atravessavam o processo de ensino e de aprendizagem.

Antes e durante a ordenação sacerdotal de Dom Bosco, os discursos sobre a masculinidade sedimentavam ações e comportamentos. Desde o final do século XVIII, os cientistas naturalistas instigavam os homens a sentirem-se membros da espécie dominante. No século seguinte, a virilidade passou a ser identificada com a honra, a força, o autocontrole, no sentido de sacrifício. Ao mesmo tempo em que se realizava na exploração e na conquista de territórios, na colonização e em tudo aquilo que demonstrava domínio sobre a natureza, isto é, na expansão econômica²¹.

Os sacerdotes da Igreja Católica eram considerados viris. Semelhante aos leigos, suas ordenações estavam enraizadas nas ideias de dominação, controle e vigor. No entanto, não precisam de uma prática sexual para afirmar a virilidade que possuíam, visto que ela estava relacionada ao “seu valor de exemplaridade, com suas referências mais mentais do que físicas, com suas convicções quase contundentes”²².

Os ideais de masculinidade não se restringiam apenas aos órgãos sexuais. Manifestavam-se a partir de um modo de se apresentar aos demais, de se sentir e ser, que ganhava contornos peculiares diante das funções dos padres-professores, representantes ilustrativos do poder pastoral na Sociedade Disciplinar.

Após o Concílio de Trento, realizado entre 1545 a 1563, os padres europeus foram instigados a buscar um maior autocontrole, diante da cópula pecaminosa, valorizando assim a castidade. O corpo e a alma – esta entendida sob o prisma da mentalidade, consciência – foram modelados para não pecar. Técnicas espirituais de meditação adentraram o cotidiano eclesiástico.

A Igreja Católica passou a normatizar os guias do seu rebanho, para canalizar possíveis desvios de conduta ou virilidades exacerbadas. A formação dos padres manteve-se controlada e vigiada de perto²³. Muitos deles eram jovens, assim como Dom Bosco, que foi ordenado em 1841.

Antigas práticas como a embriaguez, a violência e a luxúria foram repudiadas no espaço social. Argumentava-se que os padres deveriam ser exemplos para o restante da

²¹ CORBIN, Alain. Introdução. In: CORBIN, Alain. **História da Virilidade – Vol. 2: O Triunfo da Liberdade: o Século da Liberdade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 9.

²² VIGARELLO, Georges. Introdução: A virilidade, da Antiguidade a Modernidade. In: VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade – Vol.1: A invenção da Virilidade: Da Antiguidade as Luzes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 14-15.

²³ AIRIAU, Paul. A Virilidade do Padre Católico: Certa ou Problemática? In: CORBIN, Alain. **História da Virilidade – Vol. 2: O Triunfo da Liberdade: o Século da Liberdade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 395.

sociedade. Logo, deveriam valorizar o autogoverno, tendo uma vida exemplar e de retidão. Provavelmente, em menor ou maior proporção, isso perpassou as vivências e experiências de Dom Bosco. Suas memórias da juventude, leituras e a própria formação contribuíram para gestar uma maneira específica de educar os jovens italianos.

Foi neste cenário que Dom Bosco construiu o Oratório de São Francisco de Sales, conhecido por Oratório Festivo: “Um ambiente no qual se privilegiavam as relações pessoais, a presença e o diálogo dos educadores entre os jovens, o protagonismo juvenil e a vida de grupo, como lugar privilegiado de personalização”²⁴.

A construção do Oratório encontrou alicerces no Humanismo Renascentista surgido no século XV, entre leigos e cristãos²⁵. Entre os leigos estava Vitorino Da Feltre, fundador de uma instituição denominada *Casa Giocosa*. Espaço que focalizava a formação integral, com a premissa do ensino gradual, de acordo com o desenvolvimento físico e psíquico dos seus participantes.

Enquanto a maioria das instituições de ensino italianas separam os sujeitos conforme os sexos, priorizando a educação da aristocracia, na *Casa Giocosa* os jovens recebiam formação moral e intelectual, independente da anatomia física, num ambiente de convivência acolhedor, voltado para os jovens carentes da região de Pádua. Grego, geometria, astronomia, música, literatura, filosofia, história, declamação e leitura pública eram os principais conhecimentos colocados em pauta. Além disso, o corpo era educado através de vários jogos, a saber, equitação, salto, corrida, esgrima, guerra simulada, jogos de bola e exercícios ginásticos²⁶.

No século XVI, o Humanismo Renascentista também ganhou notoriedade e força, junto à Igreja Católica. Entre os ilustres dessa época, estava Padre Felipe Néri. Com alguns companheiros, ele criou instituições para dar assistência material e espiritual aos jovens carentes, tais como o Oratório São Girolamo. A alegria estava na base de suas práticas pedagógicas.

²⁴ VILLANUEVA, Pascual Chávez. A missão Salesiana e os Direitos Humanos: especialmente os Direitos dos menores. In: **Sistema Preventivo e Direitos Humanos**. São Paulo: Ed. Salesiana, 2009, p. 18.

²⁵ BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. A casa Giocosa: Oratório São Girolamo Oratório de São Francisco de Sales| experiência que se refazem e se aprimoram. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: o ensino e a pesquisa em História da Educação. **Anais...** Sergipe, 2005 (p.4188-4195). Disponível em: <www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/378CarlosNazareno.pdf>. Acesso em: 07. Jan. 2017.

²⁶ BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. A casa Giocosa: Oratório São Girolamo Oratório de São Francisco de Sales| experiência que se refazem e se aprimoram. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: o ensino e a pesquisa em História da Educação. **Anais...** Sergipe, 2005 (p.4188-4195). Disponível em: <www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/378CarlosNazareno.pdf>. Acesso em: 07. Jan. 2017.

Dom Bosco, em meados do século XIX, se interessou por estas maneiras peculiares de educar e passou a gestar um Oratório em Valdocco, localizado em Turim, Itália, onde as influências pedagógicas dos Humanistas eram evidentes. Nesta conjuntura histórica, desprotegidos e a mercê das vontades alheias, alguns jovens passavam fome e ficavam desabrigados nas cidades, sem terem condições financeiras para retornar ao meio rural. Em muitos casos, eram perseguidos pela polícia, mesmo antes de roubarem e vistos como criminosos em potencial²⁷.

Ao visitar os presidiários, na companhia do Padre Cafasso, Dom Bosco ficou angustiado diante da malícia e miséria dos Homens. No seu escrito, intitulado *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales* ele diz:

Ver turmas de jovens, de 12 a 18 anos, todos eles são, robustos e de vivo engenho, mais sem nada a fazer, picados pelos insetos, à míngua de pão espiritual e temporal, foi algo que me aterrorizou. O opróbio da pátria, a desonra das famílias, a infâmia aos próprios olhos personificam-se naqueles infelizes. Qual não foi, porém, a minha admiração e surpresa quando percebi que muitos deles saíam com firme propósito de vida melhor e, não obstante, voltavam logo à prisão, da qual haviam saído poucos dias antes²⁸.

Almejando mudar aquela situação, o italiano passou a catequizar os ex-presidiários para que eles não voltassem a cometer os mesmos crimes e não influenciassem os outros jovens imigrantes. Acreditava que o tempo livre deveria ser preenchido com oração e divertimentos, assim como ressaltava os humanistas. Dizia que os jovens esqueceriam o passado de crimes, a partir da assistência acolhedora, tornando-se bons cristãos e honestos cidadãos.

Na *Carta ao Marquês Benso de Cavour*, escrita em 1846, Dom Bosco ressalta que o Oratório de São Francisco de Sales tinha encerrado o seu período nômade e buscava um local para se fixar. Logo, necessitava da aprovação de alguma autoridade civil. Dom Bosco conta às intempéries que o oratório enfrentava, mas destaca que o número de jovens era consideravelmente grande, por isso merecia atenção por parte dos poderes públicos. Segundo ele, o escopo do catecismo, empregado no Oratório, consistia em recolher, nos dias festivos, os jovens que, abandonados a si mesmos, não frequentavam a Igreja Católica.

Esta “captura dos jovens” buscava instruí-los a amar o trabalho, cultivar os Santos Sacramentos, respeitar as autoridades e a fugir dos maus companheiros. Além de mostrar o

²⁷ BRAIDO, Pietro. **Prevenir, Não reprimir**: O Sistema Educativo de Dom Bosco. São Paulo: Ed. Salesiana, 2005.

²⁸ FERREIRA, Antônio da Silva. **Não Basta Amar**: A Pedagogia de Dom Bosco e seus escritos. São Paulo: Editora Salesiana, 2009, p. 104.

caminho da retidão e prevenir de influências más. Na referida carta, também chama-nos atenção outro argumento levantado por Dom Bosco: o incentivo à vocação dos jovens masculinos.

Dom Bosco, destaca que, no curto espaço de três anos, alguns oratorianos já liam latim e tinham a intenção de seguir a carreira eclesiástica. O que, supostamente, demandaria menos problemas à sociedade. Seus participantes tinham entre 10 e 16 anos, muitos viciados e, supostamente, próximos a dar motivo às queixas públicas ou a serem colocados nos lugares de punição. A prevenção de tais corpos se fazia diante de uma série de fatores, tais como as postulações católicas, mas também ao contexto social, político e econômico da Itália.

Escrito em 1854, o *Plano de Regulamento para o Oratório Masculino de São Francisco de Sales em Turim, na Região de Valdoco*, encontramos o discurso de que a juventude compõe “a mais delicada e a mais preciosa parte da Sociedade Humana”. Para o fundador da Congregação Salesiana, é fácil educar os jovens, desde que eles sejam retirados do ócio, do encontro com os maus companheiros e do descuido dos pais.

Conforme Dom Bosco, a dificuldade estaria na forma de educá-los, no modo de reuni-los, de falar a eles, moralizá-los e não na “natureza má da juventude”. Esta era identificada como uma fase de transição, que precisaria ser vigiada e prevenida para que não ocorressem erros, desvios e subversões.

A historiografia demonstra que a educação da juventude não acontece de forma homogênea, tão pouco pacata. Entre o Estado e Igreja Católica há disputas e estratégias de poder para legitimar quem deve educar esta parcela da população. Na história da Congregação Salesiana isso não foi diferente.

Entre 1860 e 1861, período da Unificação do surgimento do Estado da Itália, a polícia tinha perseguido os padres Salesianos e vigiado as práticas educativas no Oratório, pois havia a especulação da organização de levantes contra a política local. Talvez, por se sentir acuado, Dom Bosco resolveu escrever um manuscrito intitulado *Os dados históricos a respeito do Oratório de São Francisco de Sales*. Este, por sua vez, tem o objetivo de sublinhar o caráter filantrópico da sua obra para a sociedade, as autoridades civis e eclesiásticas.

Nesse escrito, Dom Bosco preocupava-se também em traçar um inventário sobre os outros Oratórios que surgiram a partir da sua obra inicial, a saber, o Oratório São Luiz em Porta Nova (1847) e o Oratório do Santo Anjo da Guarda (reaberto em 1849) em Vanchiglia. Ambos na Itália. Revela que, em 1850, o número de jovens que frequentava os Oratórios Salesianos era superior a duas mil ou três mil pessoas. Para atraí-los, os padres utilizavam

pequenos prêmios, brinquedos e boa acolhida, comida, colocação no mercado de trabalho e assistência junto às famílias.

O cotidiano configurava-se da seguinte forma. Inicialmente, algumas horas eram reservadas para quem quisesse se confessar. Depois havia uma missa, com a reflexão de alguma leitura da Bíblia. Em seguida, recreio. Após o meio dia, as atividades eram retomadas, contando com a catequese, breve instrução do púlpito, bênção com o venerável e novamente o recreio. Ao fim do dia, terminadas as atividades religiosas, cada jovem podia escolher se queria voltar para casa ou permanecer brincando um pouco mais, desde que fossem respeitados os horários de funcionamento do Oratório e as decisões dos assistentes adultos.

Com o aumento da procura, os membros da Congregação Salesiana perceberam a necessidade de fazer aulas dominicais e noturnas, voltadas para aqueles que estavam em idade avançada e, por falta de meios ou comodidade, não tinham nenhum tipo de instrução necessária para se aprender um ofício. Os jovens pobres eram o público principal dessas práticas pedagógicas.

O opúsculo intitulado *O Sistema Preventivo na Educação da Juventude* é considerado um escrito importante para o entendimento das propostas pedagógicas de Dom Bosco. O opúsculo foi redigido em francês no ano de 1877, por ocasião do *Patronage Saint Pierre de Nice*, proferido oralmente e escrito, para fins de memória, logo depois. No mesmo, Dom Bosco não se refere ao Oratório, mas a um colégio, em regime de internato. Este escrito se tornou referência em todos os espaços educativos dirigidos pelos Salesianos, tanto na Europa, como também em outras partes do mundo. Está na base da *Constituição Salesiana*.

Segundo ele, existiam dois tipos de educação da Juventude: o Repressivo e o Preventivo. No primeiro, os alunos eram apresentados às leis e depois vigiados, pelos professores e diretor, a fim de reconhecer seus transgressores e puni-los. No outro, o diretor e os padres-professores serviam de exemplos para os demais. Tinham a missão de tornar conhecidas as prescrições e as regras disciplinares da instituição, vigiar os possíveis desvios, corrigir com bondade.

O Sistema Preventivo seria mais vantajoso do que o outro, pois tornaria o processo educativo saudável e fácil. Teria mais chances de possibilitar um ambiente agregador, de respeito e cumplicidade entre alunos, professores e coordenação pedagógica. Traria em si um tripé educativo: Razão, religião e *amorevolezza*²⁹. Rejeitaria o castigo violento e até as punições leves.

²⁹ Significa bondade, carinho.

Ao escrever sobre os castigos, Dom Bosco ressalta que, apenas em raríssimos casos, eles deveriam ser usados e quando fossem seria aconselhável não fazê-los em público. Afirma que o ato de colocar os jovens de joelhos em posição dolorosa, puxar orelhas ou fazer qualquer outro tipo de castigo não eram admissíveis, pois desmoralizavam o educador e trazia consequências para a formação dos educandos.

O seu Sistema Preventivo parece bastante diferenciado e de difícil aceitação, principalmente no tempo em que ele criou os Oratórios Festivos, pois a sua proposta era completamente oposta à forma de educação praticada na época, com seus fundamentos em teorias educacionais fechadas que exigiam uma adaptação quase adestradora por parte dos alunos. O distanciamento entre educador e educando era, então, a parte mais difícil e importante para ser modificada e, assim, permitir o sucesso na utilização dos princípios do seu Sistema Preventivo³⁰.

Diante disso é possível perceber que o Sistema Preventivo de Dom Bosco articula e confronta duas características marcantes da Sociedade Disciplinar: a vigilância e a punição. Na Sociedade Disciplinar a vigilância é uma maneira de dispor do tempo dos indivíduos de modo a significar as necessidades da industrialização e/ou de instituições que reiteram tais necessidades (escolas, oratórios, etc). A punição:

[...] ao discriminar os comportamentos dos indivíduos, passa a diferenciá-los, a hierarquizá-los em termos de uma conformidade a ser seguida, ou seja, a punição não objetiva sancionar a infração, mas controlar, qualificar o indivíduo, não interessando o que ele fez, mas o que é, será ou possa ser. As punições são da ordem do exercício, implicando o aprendizado intensificado, multiplicado, repetido, em suma, punir é exercitar³¹.

Embora com algumas características diferentes, a prevenção também tenta controlar, qualificar cada indivíduo. Tende a incitar, produzir, permitir a reiteração de condutas e comportamentos vistos como adequados. Em suma, a prevenção está perpassada por estratégias de saber e poder. Poder pastoral e disciplinar que ora se aproximam, ora divergem.

Dom Bosco tentou uma experiência escolar fora de Turim, aceitando a direção do Seminário de Giaveno, após o sucesso dos Oratórios. A princípio enviou um diretor de sua confiança, mas não teve respostas satisfatórias, pois o clero diocesano pediu que a organização da referida instituição fosse realizada por um religioso da localidade. Uma segunda oportunidade surgiu na Diocese de Casale Monferrato, na Itália.

O Bispo da localidade era amigo de Dom Bosco e ofereceu-lhe a direção do seminário de Mirabello. Nesta oportunidade, o italiano esforçou-se para ter êxito perante o

³⁰ ALMEIDA, Núbia Ferreira. **O Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte e o Projeto Educacional do Padre Cícero**. Fortaleza: Edições UFC, 2013, p. 153.

³¹ GUIMARÃES, Áurea Maria. **Vigilância, Punição e Depredação Escolar**. Campinas: Papyrus, 2003, p. 86.

novo desafio. Escolheu o Padre Miguel Rua para ser diretor da instituição religiosa. Junto com ele, buscando uma base de sustentação pedagógica, “enviou também certo número de alunos do Oratório de Turim, de bom comportamento, para que encaminhassem os alunos novos nos costumes e práticas do sistema salesiano”³².

Este ato pedagógico releva a intenção de que a presença de alguns jovens, subjetivados de acordo com as normas do Sistema Preventivo, ajudaria os outros, ainda transviados, a se convencerem que aquele tipo de educação era propícia e, por isso mesmo, passariam a imitá-los. A socialização entre os jovens agiria como elemento aglutinador para um bom andamento do Oratório.

Ao escrever para o Padre Miguel Rua, em 1883, Dom Bosco aconselha-o a fazer-se amar mais do que fazer-se temer; no mandar e no corrigir, agir de maneira que se reconheça o bem de tais ações para a formação dos jovens. A Carta enviada ao italiano serviu de base para a escrita de outra, em 1886, onde os destinatários eram todos os diretores até então vigentes nas instituições salesianas de educação.

Nas suas *Lembranças Confidenciais aos Diretores* percebemos discursos sobre os comportamentos permitidos em sala de aula, a regulação dos sentimentos e a relação professor-aluno. Sobre esta última, Dom Bosco recomenda que padres-professores interroguem os alunos, indistintamente; leiam por turno os trabalhos de cada um, “fujam das amizades particulares e das parcialidades e não levem nunca os alunos ou outras pessoas para o quarto”.

Tais indicações demonstram como o poder pastoral e o poder disciplinar, em confronto/articulação, impõem limites aos corpos que educam e aos corpos educados. O corpo que educa passa a ser o corpo que vigia a si mesmo e aos demais, o corpo que separa, classifica, impõe limites.

Uma marca comum aos professores da Modernidade, muitos deles religiosos e conhecidos por mestres, era a responsabilidade de serem exemplos para os alunos. A docência apresentava-se como uma missão a ser cumprida, para o engrandecimento da Igreja Católica ou Protestante. Visto que esta última também possuía espaços educativos para a instrução dos jovens e também estava imersa, embora com configurações específicas, na Pastoral Cristã.

Na Sociedade Disciplinar há uma disputa para o governo dos corpos, uma tentativa de caracterizar como e para que governar. Nessas circunstâncias, os padres-

³² FERREIRA, Antônio da Silva. *Não Basta Amar: A Pedagogia de Dom Bosco e seus escritos*. São Paulo: Editora Salesiana, 2009, p. 105.

professores estão inseridos “no coração de uma estrutura de racionalidade política cujas engrenagens peremptórias são o emprego e a aplicação de forças sob os domínios das técnicas e tecnologias de poder”³³.

Os primeiros Oratórios e Instituições escolares, que utilizaram o Sistema Preventivo de Dom Bosco possuíam semelhanças com outros espaços educativos da Sociedade Disciplinar, pois na conjuntura histórica em que estavam inseridos, havia a tentativa de governar os corpos e para este governo seria preciso criar regras e determinar condutas e comportamentos corporais. Todavia, a diferença estava justamente na substituição da punição pela prevenção, bem como na ampliação das performances esperadas para o pastor, o rebanho e cada ovelha.

Quando Dom Bosco faleceu, em 1888, os Salesianos já estavam presentes em várias partes do mundo, tais como França, Espanha, Inglaterra, Argentina, Chile, Uruguai e Equador. No Brasil, o primeiro projeto educativo-pastoral realizado pelos religiosos italianos foi o Colégio Salesiano Santa Rosa, localizado em Niterói – RJ e construído no limiar de 1883. A este se sucederiam outros, localizados em distintas regiões brasileiras.

Considerações Finais

A partir desse estudo, genealógico e de leitura monumental, percebemos que a Pastoral Cristã Católica não se dissipou na Sociedade Disciplinar. O poder pastoral e o poder disciplinar – emergente de uma nova conjuntura histórica – estiveram em confronto/articulação na proveniência do Sistema Preventivo de Dom Bosco. Ambos os poderes difundiram e fizeram circular saberes sobre os indivíduos – individual e coletivamente. Não se homogeneizaram, mas dialogaram para um fim específico: a prevenção dos corpos juvenis.

A Pastoral Cristã Católica ampliou seu alvo de atuação – da alma para o corpo, do indivíduo para o coletivo – incitando, produzindo e defendendo modos de existência vistos como apropriados e que deveriam ser colocados em prática no cotidiano. Algumas características do poder pastoral permaneceram na Sociedade Disciplinar, tais como as ideias de obediência, incumbência, benfeitoria e autoridade.

³³ CARVALHO, Alexandre Filordi de. **Foucault e a função-educador**: sujeição e experiências de subjetividades ativas na formação humana. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010, p. 59.

Todavia, diante da conjuntura histórica, a relação de governo de uns sobre outros não se restringiu apenas aos indivíduos, mas também entre os indivíduos e as instituições. Surgiram novas performances para os diretores, padres-professores e os próprios alunos, bem como condutas e comportamentos que deviam estar presentes nos espaços educativos (Oratórios, Instituições escolares) direcionados pelo poder pastoral e pelo poder disciplinar.